



NARRATIVAS E PERTENÇA: OS SONS QUE TOCAM A PELE E ESTABELECEM O VÍNCULO ENTRE OS OUVINTES DA RÁDIO SULAMÉRICA TRÂNSITO

Raquel Rieckmann Traldi¹

Resumo

O presente trabalho é parte da dissertação de mestrado da autora e pretende colaborar para a discussão teórica sobre como a valorização das expressões sonoras da equipe de jornalismo e dos ouvintes de uma emissora de rádio paulistana, segmentada no trânsito, media as interações das narrativas das ruas e avenidas de São Paulo. Através da observação da atuação da emissora nos seus primeiros cinco anos e da pesquisa bibliográfica, o artigo mostra como a Rádio SulAmérica Trânsito se caracteriza por buscar o vínculo a partir da perspectiva de que indivíduo e sociedade são constitutivos um do outro, cultivando o ambiente da pertença e colocando o sujeito humano no centro do cenário do trânsito da capital paulista.

Palavras-chave: Narrativas. Pertença. Rádio. Trânsito. Cultura do Ouvir.

O apelo de um bebê

Manhã de quarta-feira na capital paulista; abril de 2012. Sol entre nuvens, temperatura agradável, fora do horário de pico. Tudo para ser um bom dia!

Mas, entre os milhões de carros que circulavam pela cidade, em um deles, um jovem casal estava preso no congestionamento na região do Parque Ibirapuera.

O compromisso não poderia ser adiado. Tinha hora e local definidos para acontecer um evento que marcaria a vida dessas duas pessoas: um bebê estava prestes a vir ao mundo.

Porém, diversas vias da Zona Sul estavam travadas. O motivo? Uma manifestação organizada por centrais sindicais na região do parque bloqueava ruas e avenidas.

O percurso que seria tranquilo se transformou em um drama. Desse modo, como chegar a tempo na maternidade, nas proximidades da Avenida Paulista? Somente um helicóptero ou uma mágica poderiam ajudar.

¹ Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir. E-mail: raquel.17@uol.com.br

V COMcult

o que custa o virtual?

Mas lá estava ele, no painel do carro, discreto, porém indispensável para o momento: o rádio. Sintonizado na Rádio SulAmérica Trânsito que, naquele momento, destacava as principais informações sobre o caos da região. Milhares de mensagens de ouvintes e repórteres por meio do portal de voz, SMS e e-mails não paravam de reclamar, avisar e questionar sobre as interdições.

Audiência rotativa, inúmeros ouvintes participando. Quais seriam as chances de enviar uma mensagem para a emissora, contando sobre a situação e ser atendida com uma dica de caminho? No mínimo, impossível. Mas, não foi isso que a ouvinte que estava no congestionamento, grávida de nove meses, pensou. Ela arriscou e gravou um portal de voz.

Sua tentativa foi um sucesso. Do outro lado da linha, na redação, a equipe da Rádio SulAmérica Trânsito trabalhava com força total, privilegiando as informações mais inusitadas para evitar repetições dos mesmos lugares e conseguir atender um número considerável de ouvintes.

A notícia de uma pessoa em trabalho de parto mobilizou os profissionais e a informação foi veiculada. Seria apenas mais uma orientação para tentar ajudar um mero ouvinte a escapar do trânsito, mas algo inusitado aconteceu: além do âncora, que está preparado, no estúdio, para transmitir informações precisas com a consulta de mapas e de autoridades, a principal manifestação veio dos ouvintes. Muitos deles deixaram de encaminhar mensagens com dúvidas pessoais sobre os caminhos para tentar ajudar a ouvinte que estava prestes a dar à luz. Dicas de alternativas, caminhos que ainda estavam livres, entre outros, contribuíram para que o casal chegasse a tempo na maternidade. Um bombardeio de mensagens não parava de chegar aos canais comunicativos da emissora.

No início da tarde, o choro de um recém-nascido. O bebê nasceu a tempo e saudável. A princípio, uma experiência de infelicidade dos futuros pais criada e sentida por uma situação em que tanto os manifestantes quanto o trânsito agiram como vilões do cenário, mas, que foi revertida em uma experiência de felicidade, experimentada com a ajuda de pessoas que nunca se encontraram pessoalmente, mediada pela linguagem de uma rádio.



Cinco anos ajudando a enfrentar o trânsito

A capital paulista é famosa pelos congestionamentos. A maioria dos paulistanos virou refém do automóvel para se deslocar pela cidade; uns por comodidade e conforto, outros porque não têm opção ou dependem dele para trabalhar. Há dias em que se passa mais tempo “morando” dentro do próprio carro, preso em algum engarrafamento.

Desse modo, visando facilitar a vida dos motoristas com rotas alternativas, a fim de diminuir o tempo perdido no deslocamento pelas ruas e avenidas da cidade, desde 2007, a Rádio SulAmérica Trânsito, uma realização do Grupo Bandeirantes de Comunicação em parceria com a empresa SulAmérica Seguros, tornou-se referência na prestação de serviços aos moradores da Grande São Paulo. A criação da emissora foi possível devido a uma série de fatores combinados que envolveram negociações mediadas pela agência de publicidade MPM Propaganda entre a SulAmérica e o Grupo Bandeirantes de Comunicação, com a missão de prestar serviços à população informando 24 horas por dia sobre a situação do trânsito na cidade de São Paulo. Pioneira no segmento, durante os cinco primeiros anos de existência, até 2012, a emissora cresceu em números absolutos na medição do Ibope,² chegando a alcançar uma audiência de, aproximadamente, 30 mil ouvintes nos carros de São Paulo. Parte desse crescimento também se estendeu para além da capital paulista, atingindo outras regiões da Grande São Paulo, além do interior e do litoral do Estado, devido ao fluxo de pessoas que utilizam as principais rodovias que dão acesso à capital paulista.

A programação da rádio conta, e muito, com a participação dos ouvintes durante o dia inteiro, seja de manhã, de tarde, à noite e até durante as madrugadas. Essa abertura de espaço para que os ouvintes se manifestem, unindo informações e fazendo com que as pessoas cheguem mais rapidamente aos destinos, gera diariamente para a emissora cerca de milhares de mensagens de texto (SMS), minutos de ligações gravadas para o portal de voz, e-mails e alertas pelas redes sociais, como pelo perfil da rádio no Facebook e no Twitter, que contribuem para aumentar a teia de informações; construindo um mapa atualizado do tráfego

² Em dezembro de 2012, a emissora encerrou o ano ocupando a 30ª posição de 38 rádios FM's e como a segunda rádio mais ouvida nos carros, segundo a avaliação do Ibope. Disponível em: <<http://tudoradio.com/noticias/ver/8070-audiencia-sp-band-fm-alpha-105-e-89-fm-se-destacam-na-medicao-radio-de-sao-paulo-cresce-de-forma-expressiva>>. Acesso em: 04. mai. 2013.

V COMcult

o que custa o virtual?

em São Paulo.

Essas colaborações complementam o trabalho da equipe de jornalismo da emissora (interna no estúdio e externa na reportagem – cada repórter em uma região da cidade; nas Zonas Norte, Sul, Leste e Oeste) que utiliza uma linguagem mais clara, divertida e fácil de ser compreendida, na tentativa de orientar novos caminhos e amenizar os aborrecimentos do motorista. É válido ressaltar que nessa colaboração ouvinte-repórter-locutor, podemos verificar que a rádio não pretende tirar o motorista que já está preso no engarrafamento, mas sim, fazer com que ele não chegue até o congestionamento, orientando-o a procurar novos desvios que o façam conhecer mais a cidade, evitando dores de cabeça.

Micronarrativas do trânsito

Podemos entender que a Rádio SulAmérica Trânsito apresenta diversas “micronarrativas” durante a programação, afinal, cada ouvinte está em um ponto diferente da cidade. Considerando todos esses relatos, consideramos que a emissora monta um mapa da cidade, tentando chegar a uma visão aproximada do todo e através de rotas de fugas e alternativas para salvar os motoristas que ainda estão em tempo de se livrarem de apuros. Cada ouvinte conta aquilo que vivencia ou que observa a partir do recorte de sua janela. A todo instante, cada uma dessas “micronarrativas” vai se juntando a outra, compondo uma grande narrativa do trânsito da capital paulista, uma vez que a parte está no todo e o todo está na parte, segundo a teoria da complexidade estudada por Edgar Morin (2005); as histórias não podem ser isoladas, elas são inseparáveis já que uma pode ser reflexo da outra.

O uso da sensibilidade da palavra por parte da Rádio SulAmérica Trânsito na tentativa de solucionar os problemas encontrados pelos ouvintes procura enfatizar a ternura e o afeto em seus diálogos, valorizando a diversidade dos saberes plurais como estratégia para cultivo do vínculo. A experiência do coletivo, ou seja, a participação de cada ouvinte serve como uma opção ou rota alternativa para fugir do tráfego intenso; são possibilidades que podem ser complementadas por outros ouvintes ao longo da programação, caso uma nova desordem aconteça pelo caminho. A emissora incentiva o ouvinte a não desistir de encontrar um novo trajeto e a ajudar a responder perguntas dos demais que estão na escuta.

V COMcult

o que custa o virtual?

Por exemplo, voltando ao caso do bebê, a situação despertou diversas sensações nos demais ouvintes que estavam apenas na escuta, cada um focado em seu próprio destino. A afetividade presente na linguagem da rádio e da ouvinte que estava grávida motivou a identificação da unidade “bio-psico-sócio-cultural” dos demais que contribuíram para que a experiência coletiva oferecesse novas possibilidades de caminho. Uma delas deu certo, e assim, foi possível chegar à maternidade.

A pertença no trânsito

Notamos que ao longo dos cinco primeiros anos, a segmentação da atividade jornalística da emissora garantiu a criação de mecanismos efetivos de retorno do público. Inclusive, a forma de comunicação passou por várias mudanças para tentar atender com mais precisão a demanda dos ouvintes. Assim, a emissora ampliou o leque de canais de comunicação que conta com o apoio das tecnologias contemporâneas: SMS, portal de voz, e-mail, além das redes sociais como Facebook e Twitter, que podem ser acessados pelo computador e tablets, bem como pelos celulares. O que antes seria apenas um meio de difusão de informações passou a ser um ambiente de comunicação devido às diversas narrativas do dia-a-dia; uma complementando a outra.

Na Rádio SulAmérica Trânsito é possível notar que a informação que chega à emissora pelos canais de comunicação, tanto dos ouvintes quanto da equipe de jornalismo e até das autoridades de trânsito, é transformada em uma narrativa sem fim em que uma depende da outra.

Para Walter Benjamin (1996), no jornalismo diário, diversas informações são divulgadas a todo instante, porém, pobres em conteúdos surpreendentes. Podemos entender que a emissora também leva ao ar informações que já são tradicionais ao trânsito, sem que haja algo relevante, como a suspensão do Rodízio Municipal de Veículos, ruas e avenidas que estão congestionadas no horário de pico e as interdições previstas para obras. Nenhuma delas é inusitada e sim prevista. Mas, imprevistos acontecem e às vezes, desestabilizam a ordem do trânsito. Naquele momento em que a emissora tomou conhecimento da informação sobre o caso da ouvinte grávida a caminho da maternidade, ela poderia apenas informar uma tentativa

V COMcult

o que custa o virtual?

de caminho alternativo, e só. Mas, ela foi além.

A função “bio-psico-sócio-cultural” do âncora identifica estes momentos e não os trata como algo isolado, compartilhando-os com o objetivo de fazer com que a rádio se aproxime do ouvinte a partir da experiência de cada um. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1996, p. 201).

Quanto mais detalhes os ouvintes trouxeram, melhor será o resultado do esboço do mapa do trânsito da cidade de São Paulo. Podemos classificar essa vertente como uma estratégia da rádio em busca de prender a atenção do público, não apenas focada no episódio apresentado em questão, mas sim, por meio da natureza da verdadeira narrativa, estudada por Walter Benjamin. Ou seja, interpretamos que a ideia de apresentar os diferentes relatos de cada ouvinte, durante a programação, pretende fazer com que outras pessoas que estão na escuta se identifiquem e se sensibilizem com alguma experiência passada já vivida, que naquele momento, o outro está vivenciando: a ouvinte grávida e a tensão do trabalho de parto.

Novamente, a unidade “bio-psico-sócio-cultural” entra em ação, já que as situações narradas fazem parte do cotidiano do ouvinte que é motorista, criando a sensação de pertença. Cada detalhe enfatizado pela narrativa do repórter, do âncora ou do ouvinte é necessário para quem estiver na escuta conseguir imaginar quase que perfeitamente a cena descrita, podendo sentir ao mesmo tempo suas emoções, alívios e tensões.

Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos (BENJAMIN, 1996, p. 200).

Segundo os estudos de Boris Cyrulnik, a pertença cria um mundo em que as pessoas possam existir para desenvolverem suas competências, como no caso de ajudar ao próximo devido à familiaridade de uma situação vivida culturalmente, biológica ou psíquica. Por exemplo, a dor das contrações, a tensão da bolsa ter estourado e a correria para se chegar ao hospital. Sem referências, o homem vive sozinho e sem sentido. Ou seja, é a solidão que o carro oferece, diante de tantos motoristas que estão em volta em um mesmo quarteirão. Mesmo com tantas pessoas ao redor fisicamente, ele está só, pois não conhece ninguém.

V COMcult

o que custa o virtual?

No sentido de despertar o desejo de pertencimento e conexão com seu público, por meio da identidade, a emissora busca oferecer uma troca de afeto que vincula. Esse fato pode ser observado na perspectiva de Boris Cyrulnik quando frisa que é preciso pertencer a algo, pois, caso contrário, a pessoa se torna ninguém.

A pertença tem dois lados: a familiaridade e a filiação. A familiaridade é um sentimento que se experimenta e se reforça no cotidiano porque se enraíza na sensorialidade dos estímulos da vida doméstica. O sentimento de filiação, por sua vez, só existe na representação psíquica que se enraíza no contexto cultural. A familiaridade se alimenta de biológico, de memória e de sensorialidade cotidiana, ao passo que a filiação se alimenta de cultura. A convenção social da família cria a estrutura psíquica e sensorial na qual vão se construir a familiaridade e a filiação (CYRULNIK, 1995, p. 75).

Entendemos que a emissora não obriga os ouvintes a buscarem rotas alternativas. Ela apenas aconselha aquele motorista que precisa alterar a sua programação devido a um imprevisto, sem garantir que o resultado seja satisfatório, pois o trânsito não é estável; funciona como um cenário de possibilidades. Em uma hora o caminho está bom, em outra, não mais. Por isso que a experiência da equipe da rádio é uma das características que colabora com a construção da credibilidade e lealdade do público. O repórter também está na rua, passando pelo mesmo sufoco que o ouvinte, sentindo na pele o cansaço do congestionamento ou a alegria de encontrar um caminho bom e assim, ajudar novas pessoas.

Podemos considerar que a rádio procura tratar o ouvinte não apenas como um mero fornecedor de informações, mas sim, como um corpo que carrega diversos tipos de sensações, emoções, situações, vivências e, principalmente, cultura, para criar uma identificação com os demais e motivar a participação de todos. Para dar crédito à comunicação, tudo depende da proximidade sociocultural por parte dos protagonistas do processo comunicativo. O trânsito é um exemplo de fenômeno que está inserido na cultura das pessoas que se identificam, neste caso, participando ou não da programação da Rádio SulAmérica Trânsito.

Ouvintes ativos e passivos

Ao investigar a estética da emissora, a pesquisa questiona um dos pontos levantados por Rudolf Arnheim em seus estudos, realizados na década de 30 do século passado. O autor garante que o rádio seria o “local onde um fala sem poder ouvir e onde todos os demais

V COMcult

o que custa o virtual?

ouvem sem poder falar” (ARNHEIM, 1980, p. 160). Primeiramente, notamos que na Rádio SulAmérica Trânsito, nem todos colaboram com informações durante a programação.

Alguns ouvintes não são tão participativos, ou seja, estão apenas na escuta das informações e se beneficiando delas, sem dar satisfações se o caminho realmente estava bom ou não. Alguns destes ouvintes que não participam são tímidos, e outros não se identificam ou não gostam da emissora por diversas razões. Não se pode afirmar, portanto, que todos aqueles que ouvem a rádio estão necessariamente satisfeitos e participando, mas, isso não é motivo para gerar uma abstenção. São pessoas que não gostam da programação, mas que por necessidade, estão sintonizados todos os dias ou na maioria deles, enquanto se deslocam pelas ruas da cidade.

Mesmo assim, ainda podemos considerar que a emissora tenta transmitir que aquilo que um determinado ouvinte está vivendo, pode ser vivenciado futuramente por outro ouvinte; ou que alguém já tenha passado por uma situação similar e agora decide ajudar ao próximo, cooperando com o comportamento das interações do sistema. Assim, a proposta da Rádio SulAmérica Trânsito nos ajuda a ampliar a visão dos estudos de Rudolf Arnheim. É uma via de mão dupla. Todos podem narrar a qualquer momento. Basta ter um pouco de sorte para ter a mensagem escolhida para ser divulgada pela emissora, levando em consideração a quantidade da demanda em cada período do dia.

A arte de narrar acrescentou sentidos mais sutis à arte de tecer o presente. Uma definição simples é aquela que entende a *narrativa* como uma das respostas humanas diante do caos. Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa – o ser humano não se expressa, não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital (MEDINA, 2003, p. 47-48).

Para Cremilda Medina, qualquer mídia tem a possibilidade de construir uma narrativa, independentemente do tamanho dela, em qualquer espaço e tempo, sejam eles mínimos. O mais importante da narrativa é, justamente, a possibilidade de interação com o outro sujeito que está ouvindo, no caso do rádio. O ouvinte pode se identificar, perfeitamente, na medida em que esta narrativa coloca o sujeito humano no centro, e não apenas dados numéricos (índice, o tamanho do congestionamento e as vias que estão com problemas).

V COMcult

o que custa o virtual?

Para Cremilda Medina, o grau de identificação com os anônimos e os episódios da vida de cada um pesam para uma narrativa, por mais simples que sejam.

De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha em sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano. Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstituir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional (MEDINA, 2003, p. 52-53).

Podemos notar que a Rádio SulAmérica Trânsito utiliza outra estratégia para conduzir de forma satisfatória os episódios apresentados a fim de tentar reorganizar o tráfego de veículos em São Paulo e conquistar a participação dos ouvintes: a sua estética como um instrumento de comunicação e expressão, valorizando a emoção que envolve o acontecimento, ou seja, os dramas das simples “micronarrativas” dos ouvintes, que são pessoas comuns e que vivem na luta do cotidiano.

Mestiçagem de vozes no trânsito

Rudolf Arnheim já afirmava que o rádio torna o locutor uma pessoa viva, presente através de sua voz, mesmo que o ouvinte não a conheça pessoalmente. Como o ouvinte não enxerga este limite, que Arnheim chama de “cegueira”, já que a percepção sonora se baseia em sons e ruídos variados dependendo da intensidade, do volume, do silêncio e do ritmo, esta situação pode favorecer a fantasia que seduz, pois ela envolve tudo aquilo que evidentemente falta na transmissão radiofônica. Além disso, durante a programação, o âncora usa a oralidade para chamar a atenção do ouvinte que está em constante movimento em um meio cego.

A estética é artificial, uma vez que a oralidade é mediatizada pelo microfone que distorce a voz real e natural. Falhas técnicas e perceptíveis com relação à fala podem ser notadas até mesmo por um ouvinte leigo. Mesmo assim, é possível observar que a estética da Rádio SulAmérica Trânsito busca uma relação de empatia e de identificação entre os ouvintes, mesmo com os efeitos sonoros. Tanto o âncora quanto o ouvintes estão sujeitos a erros de pronúncia ou de reação (embaraços e aflição), diante de uma surpresa, por exemplo, um alagamento ou a angústia de alguém que está em trabalho de parto. Podemos considerar que um ponto interessante da emissora é que quanto mais natural e espontâneo o conjunto da

V COMcult

o que custa o virtual?

linguagem soar para os ouvidos de ambas as partes, melhor essa sensação se adapta ao cenário do trânsito que é imprevisível. Por isso, a necessidade do uso do improvisado durante a programação.

De uma forma geral, os sons, as trilhas e as vinhetas são simples e repetitivas, os slogans são curtos e de fácil memorização, o ruído da rua quando a reportagem ou os ouvintes são acionados para trazer uma informação de momento é realçado e as vozes são variadas entre gênero e faixas etárias (mesclando ouvintes e profissionais do jornalismo).

Para aquela pessoa que está sozinha, presa no trânsito de São Paulo e precisando de informações imediatas para encontrar uma alternativa de caminho e conseguir chegar a tempo no compromisso agendado, ouvir apenas uma voz durante toda a programação seria ainda mais desgastante e cansativo. Por isso que a mistura de vozes é uma característica importante para cativar o ouvinte. A sensação de diálogo favorece o interesse do motorista que está sozinho, na escuta.

O monólogo funciona bem no rádio, mas a fala longa em um diálogo funciona mal. Por isso o roteirista deve evitar esta forma. O ideal é um diálogo rápido, fortemente entrecortado, onde a existência acústica dos participantes é assegurada continuamente, ainda que pela mais modesta interpelação (ARNHEIM, 2005, p. 74 e 75).

Além de mesclar várias vozes e o diálogo rápido, enfatizados por Rudolf Arnheim, tanto da equipe de jornalismo (âncoras e repórteres) quanto dos ouvintes, a estética da linguagem radiofônica da emissora é dinâmica e clara ao transmitir as informações, com base na expressão da palavra. A voz torna sensível o sentido da palavra e dá vida ao locutor e ao ouvinte que não são vistos pessoalmente, por meio de toda atmosfera gerada no entorno, com ritmo e emoção. Junta-se a esta mestiçagem sonora, o texto improvisado, já que na maior parte do tempo não há um texto escrito para ser interpretado ao vivo (exceto os textos patrocinados pelo departamento comercial, durante os intervalos e quadros exclusivos, conhecidos como testemunhais).

A espontaneidade também é outra característica que marca a linguagem da emissora, garantindo uma conversa criativa e atrativa com o público. Até mesmo os ouvintes são bons para improvisar e alguns, por já estarem acostumados com a dinâmica da fala de cada repórter, conseguem imitá-los muito bem com relação às expressões corriqueiras utilizadas, como “fluindo bem”, “excesso de veículos”, “desde a Ponte do Piqueri até a chegada da Ponte

V COMcult

o que custa o virtual?

das Bandeiras” ou assinando os boletins com o próprio nome e o nome da rádio, como se fosse um repórter contratado.

Além do contexto, o repórter, como unidade “bio-psico-sócio-cultural”, também contribui para enriquecer a informação, já que ele possui suas próprias memórias e experiências de uma situação similar a que está vivenciando, e as utiliza para garantir clareza e exatidão ao ouvinte que aguarda o seu relato. Ao entrar no ar, junto com os sons do ambiente externo (buzinas, gritos, sirenes), podemos considerar que o repórter mistura com facilidade as palavras com a capacidade de assimilação para formular uma narrativa que possa descrever nos mínimos detalhes, tudo que acontece a sua volta, permitindo que o ouvinte, tanto aquele que está no local quanto aquele que está em outro ponto da cidade, viva intensamente a ocorrência, mesmo sem ter a capacidade de enxergar.

Ou seja, tanto os ouvintes quanto os repórteres e os âncoras narram as situações vividas espontaneamente. Mesmo com uma linguagem mais “coloquial”, sem perder a qualidade do serviço, garantindo a credibilidade, verificamos que há uma necessidade da emissora em chamar a atenção do ouvinte para que este se sinta mais confortável a fim de participar do conjunto. Afinal, sem a participação do público, a programação da rádio não se sustenta sozinha.

Armand Balsebre (2000) complementa os estudos de Rudolf Arnheim (1980), esclarecendo que a mensagem no rádio gera o intercâmbio de ideias, conceitos e relações entre indivíduos, mas ao mesmo tempo surpreende, emociona e excita a sensibilidade do ouvinte, como o exemplo da história do bebê.

O estético é o aspecto da linguagem que trata mais da forma da composição da mensagem e se fundamenta na relação variável e afetiva que o sujeito da percepção mantém com os objetos de percepção. A mensagem estética é portadora de um segundo nível de significação, conotativo, afetivo, carregado de valores emocionais ou sensoriais. E a informação estética da mensagem influi mais sobre nossa sensibilidade do que sobre nosso intelecto (BALSEBRE, 2005, p. 327- 328).

Interpretamos, portanto, que essa característica do uso quase que 90% da palavra durante a programação endossa a pertença, pois, o sotaque e as expressões regionais, para Boris Cyrulnik, também contribuem para a fácil identificação e afetividade. Assim, chegamos a um possível resultado de que a maneira como os profissionais da rádio fazem uso da palavra funciona como uma estratégia importante que visa a proximidade.

V COMcult

o que custa o virtual?

Podemos ir além e enfatizar que a rádio demonstra se preocupar em ajudar o seu público, não o tratando apenas como um simples ouvinte, mas sim, como amigo/ cooperador, que possa interagir com os demais. “O linguajar comum, a conversa, cria um campo sensorial de mímicas, sonoridades e maneiras de dizer em que podemos nos encontrar e, com isso, ter a possibilidade da troca de afeto e tecedura do vínculo” (CYRULNIK, 1995, p. 81).

Considerações finais

O universo simbólico trabalhado pelas narrativas da Rádio SulAmérica Trânsito explicita o tempo e o espaço da cidade, em que o público tem a função de ser instruído além de instruir os demais. Notamos que a emissora não pretende fazer com que o motorista só acumule mais informações sobre os caminhos da capital paulista, incentivando o aprendizado de rotas alternativas e ensinando o ouvinte a falar o nome correto de uma rua, avenida ou do bairro para que este conheça com mais detalhes a região onde mora, trabalha, estuda ou passeia.

Podemos identificar que ela valoriza também os saberes plurais de cada ouvinte à medida que ela se dedica a valorizar a figura do sujeito no centro de sua rotina. Ou seja, as emoções, os alívios e as tensões vivenciadas pelas experiências de cada um por meio da unidade “bio-psico-sócio-cultural”, na tentativa de aliviar a dor do corpo (biológico); o peso e o estresse da mente cansada após um dia de trabalho (psico); interagir os ouvintes que estão solitários nos carros com as desordens da cidade (sócio) e ensinar e educar o motorista a ser responsável enquanto dirige, não infringindo as leis e a conhecer a cidade por meio de novas alternativas, mudando suas estratégias de caminho (cultural).

A unidade favorece a pertença que leva a uma identificação com a emissora que pode até influir na construção da identidade dos ouvintes. Ninguém se conhece pessoalmente, mas as ordens e desordens do trânsito tocam a pele dos ouvintes, sejam ativos ou passivos, que mediados pela rádio necessitam de interações que possam reorganizar o sistema vivo. Cada “micronarrativa” atinge o sujeito de uma forma: seja para ajudar com uma dica de caminho alternativo percorrido e que está com boas condições, como no caso do bebê, seja para expor

V COMcult

o que custa o virtual?

uma angústia, seja para apenas informar um bloqueio por obras, seja apenas para saber por qual rua seguir, entre outros.

Vimos também que o repórter tem uma participação especial neste contexto porque ele é o responsável para permitir que o ouvinte viva intensamente no trânsito, reforçando o poder da narrativa com todos os detalhes do cenário, além do ruído em conjunto com a fala, manifesta seu estado de ânimo, dependendo da ocorrência. A sensibilidade do âncora, no estúdio, também é válida a partir do momento em que foi transformado o caso isolado da situação da ouvinte que estava em trabalho de parto, presa em uma grande lentidão, em uma ação de envolvimento de muitos participantes na tentativa de ajudá-la. A “cegueira” em parceria com uma rede de sons cria paisagens mentais que provocam a memória e mostra como que as experiências comunicativas integram o universo de forma sistêmica.

A vida nas grandes cidades é regida pelo tempo que é racional e funcional. Os olhos são responsáveis pelos dados aproximados, a exatidão. Porém, a visão é responsável apenas pela superfície da paisagem. Já os ouvidos ampliam o leque de possibilidades do cenário real. A audição é criativa e trabalha com possibilidades porque tem a capacidade de sentir. Como ela não garante uma certeza, ela desperta a vontade de descobrir, de encarar o medo. A paisagem sonora complementa a paisagem visual sobre o trânsito. Uma depende da outra, de forma recursiva, para montar um todo completo.

No caso do bebê, junto com os elementos sonoros apresentados como trilha, ruídos, timbre da voz e silêncio, o conjunto pode ser tão sensível aos ouvidos de outro motorista que está na escuta da emissora só que bem mais distante do congestionamento onde estava a ouvinte grávida, e que mesmo assim, pode passar para ele uma ideia muito mais real imaginada do que se ele tivesse presenciado a cena, com a exatidão da visão. A audição complementa o cenário e cria imagens.

As experiências das “micronarrativas” do dia-a-dia da rádio tocam a pele do público, permitindo que a emissora atue como uma mediadora entre os ouvintes; um conversa com o outro. Assim, podemos considerar que a função social da Rádio SulAmérica Trânsito reforça a ideia de que indivíduo e sociedade são constitutivos um do outro. A emissora cultiva o ambiente de pertença no trânsito, mesmo que a maioria esteja solitária em cada carro diante de tantos motoristas que não se conhecem pessoalmente.



Referências

ARNHEIM, Rudolf. **Estética radiofônica**. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.

_____. O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. Madrid: Catedra, 2000.

_____. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CYRULNIK, Boris. **Os alimentos do afeto**. São Paulo, Ática, 1995.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MENEZES, José Eugenio de O. **Rádio e cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annabume, 2007.

_____. Vínculos sonoros e ecologia da comunicação. In: BORNHAUSEN, Diogo A.; MIKLOS, Jorge; SILVA, Mauricio R. da (Orgs.). **CISC 20 anos. Comunicação, cultura e mídia**. São José do Rio Preto: Bluecom, 2012. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br>>. Acesso em: 15 jun. 2015

MENEZES, José Eugenio de O.; CARDOSO, Marcelo (Orgs.). **Comunicação e cultura do ouvir**. São Paulo: Plêiade, 2012.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2005.

_____. **O enigma do homem: para uma nova antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.